



INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES)

ÂNIMA EDUCAÇÃO

LEANDRO RINALDI DE SOUZA

NOVA ECONOMIA: ANÁLISE DO NOVO PADRÃO NO SÉCULO XXI

São Paulo

2021

LEANDRO RINALDI DE SOUZA

NOVA ECONOMIA: ANÁLISE DO NOVO PADRÃO NO SÉCULO XXI

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em economia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Econômicas, da Universidade Anhembi Morumbi.

Profa. e orientadora Alessandra Cavalcante de Oliveira, Dra.

São Paulo

2021

LEANDRO RINALDI DE SOUZA

NOVA ECONOMIA: ANÁLISE DE UM NOVO PADRÃO NO SÉCULO XXI

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em economia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Econômicas, da Universidade Anhembi Morumbi.

São Paulo, 23 de junho de 2022

Profa. e orientadora Alessandra Cavalcante de Oliveira, Dra.
Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Leandro Ramos Pereira, Dr.
Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Maiara Patti Gaulez, Ma.
Universidade Anhembi Morumbi

À Deus, pela capacidade dada e por ter me conduzido até aqui, pois andamos pela fé e não pela visão.

À minha esposa que me apoiou a continuar minha formação.

*“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará
ao seu tamanho original”*
Albert Einstein

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI – Campus Vila Olímpia
Curso: Ciências Econômicas
Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso
Profa.: Alessandra Cavalcante de Oliveira
Acadêmico: Leandro Rinaldi de Souza
São Paulo, 23 de junho de 2022.

SOUZA, Leandro. **Nova Economia: Análise de um novo padrão século XXI**. 2022.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) –
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2022.

Objetivo deste trabalho é identificar o novo padrão econômico no século XXI e apontar as mudanças no setor financeiro e os impactos no emprego. Dentro desta pesquisa fez-se o estudo explicativo de prováveis relações existentes entre crises, evolução tecnológica e econômica; A partir destes estudos, constrói-se uma análise para verificar se a metodologia possuía itens suficientes para garantir as fundamentações do tema abordado. No 1º capítulo remete a transição da economia, revolução tecnológica, grandes crises, e o que mudou a forma de como a economia é prestada. Este novo padrão competitivo, que destoa dos critérios de competição da era industrial vigente até final século XX, assim, começa a sair de cena a economia estática, fortemente dependente de recursos naturais e commodities, para alçar um voo numa economia ligada à contínua inovação, sustentada por modelos de gestão ágeis, menos hierárquicos, com times diversos e compromissos com a sustentabilidade. Portanto, os avanços tecnológicos causaram a elevação das exigências em todos os aspectos, nesse contexto, tal fenômeno gerou a necessidade de que a economia acompanhassem esses movimentos, logo, o padrão da nova economia é um conceito que engloba automação e tecnologia de informação, onde pode ser entendida como o desenvolvimento evolutivo da velha economia, que deixa de se concentrar em produtos para priorizar serviços (cultura centrada em pessoas), a digitalização e a necessidade de maiores investimentos tecnológicos para elevação do grau de benefícios, representará uma disrupção em relação a muitas premissas tidas como base, como a centralização do mercado e consumidores passivos. No 2º capítulo será abordado a revolução financeira, que diante do ambiente em constante transformação, uma série de inovações e tecnologias permitem mais liberdade e facilidade para as pessoas, de outro, temos, na maior parte dos países, a versão

analógica em papel-moeda, em contraste com novas formas de dinheiro, que não dependem de estados ou organizações para funcionar, e no 3º e último capítulo, coteja-se os impactos do novo padrão econômico sobre as relações do emprego. A conclusão geral demonstra que o novo padrão da economia é decorrente de grandes crises, com um ponto de virada e outro de desenvolvimento, marcada por mudanças rápidas e contrastes acentuados.

Palavras-chave: Crises. Tecnologia. Revolução. Digital. Nova economia. Emprego.

ABSTRACT

Objective of this work is identified the new economic standard in the 21st century and indicated how changes in the financial sector and the impacts on employment. Within this research, the explanatory study of probable relationships between crises, technological and economic evolution was carried out; From these studies, an analysis is built to determine whether the methodology had enough items to guarantee the foundations of the main theme. The 1st chapter refers to the transition of the economy, technological revolution, major crises, and what changed the way the economy is provided. This new competitive pattern, which diverges from the criteria of struggle of the industrial struggle in force until the final twentieth economy, thus, begins the industrial age according to the twentieth century, thus, it depends on natural resources and commodities, to raise a narrow economy to the continuation. innovation, in an economy supported by agile, less hierarchical management models, with different teams and commitments to sustainability. Therefore, technological advances have caused the need for requirements in all contexts, this phenomenon has generated a need for economy that accompanies these movements, therefore, the standard of the new economy a concept that encompasses and information technology, where aspects can be understood as the evolutionary development of the old economy, which allows focusing on products to prioritize services (people-centered culture), digitalization and the need for greater investments to increase the degree of benefits, will represent an interruption in relation to many assumptions taken as a basis, such as market centralization and passive consumers. In the 2nd chapter will be the environment of the revolution in constant transformation, a series of innovations and technologies will allow more ease and for people, the larger version in part of the countries, most of the countries, in contrast to new forms of money, that do not depend on states or organizations to function, and in the 3rd and last chapter, the impacts of the new economic standard on employment relations are compared. The general conclusion shows that the standard of the new economy is the result of major crises, with a turning point and another of development, marked by changes and sharp contrasts.

Keywords: Crisis. Technology. Revolution. Digital. New economy. Employment

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 - Ondas de mudanças tecnológicas e seus respectivos acontecimentos marcantes e consequentes grandes crises financeiras.....	17
Tabela 2 - Revoluções Industriais	22

LISTA DE SIGLAS

BIG DATA	Conjunto de grandes dados ou megadados
BITCOIN	Criptomoeda, moeda digital, só existem na internet.
BLOCKCHAIN	Sistema de transação de informações, chamados blocos
CROWDSOURCING	Modelo de criação colaborativa em que tarefas referentes a um projeto são terceirizadas por um grande número de pessoas
CROWDWORK	Forma de trabalho realizada por meio de plataformas digitais em que indivíduos ou empresas solicitam a execução de tarefas online para trabalhadores
CYBER	Grande concentração de tecnologia avançada
FINTECH	Combinação de duas palavras em inglês: <i>Financial</i> , que significa financeiro e <i>technology</i> , de tecnologia.
GIG ECONOMY	Conceito que atrai trabalhadores autônomos, ou seja, uma ampla gama de trabalhadores freelancers
OMNICHANNEL	Estratégia de vendas que integra diferentes canais de comunicação e divulgação
ON-DEMAND ECONOMY	Economia sob demanda, criada por mercados digitais
PEER-TO-PEER	Pessoa para pessoa
PLATFORM ECONOMY	Economia de plataforma
SHARING ECONOMY	Economia de compartilhamento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A TRANSIÇÃO PARA A NOVA ECONOMIA	15
2.1	A VELHA ECONOMIA	15
2.2	A NOVA ECONOMIA.....	18
2.3	TRANSFORMAÇÕES DO PADRÃO ECONOMICO	26
2.3.1	Governança Corporativa Social	26
2.3.2	Cocriação de produtos	26
2.3.3	Operação descentralizada e cooperativa	27
2.3.4	Equipes autogeridas	27
2.3.4	Vendas em plataformas	27
2.3.5	Pagamento pelo uso.....	28
2.3.6	Propaganda digital e social.....	28
2.3.7	Marketing de comunidade	28
2.3.8	Produção e consumo com base em compromissos de sustentabilidade socioambiental	29
3	A REVOLUÇÃO FINANCEIRA	30
3.1	UMA MOEDA LIVRE E DIGITAL	36
4	O NOVO EMPREGO	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Os ciclos econômicos envolvem uma alternância de períodos de crescimento rápido (recuperação e prosperidade), com períodos de relativa estagnação ou declínio (contração ou estagnação), marcadas por ocorrência de crises relevantes, e seguidas de revoluções tecnológicas, para, então, permitir uma fase de desenvolvimento com grandes resultados para a sociedade.

Este trabalho propõe-se a significar o termo “Nova Economia: análise de um novo padrão no século XXI”, trazendo elementos teóricos e empíricos para alicerçar a discussão e a construção desse conceito. A discussão inicia-se pela proposição de cotejar a transição econômica, as revoluções tecnológicas geradas após as crises relevantes, que podem ser reconhecidas por um período de virada e um de desenvolvimento, gerando forte impacto no crescimento econômico. Em seguida apresenta-se as mudanças que impulsionaram a revolução financeira e como a relação emprego foi afetada. Esta pesquisa visou medir a mudança do padrão econômico e os princípios desta nova economia. Os resultados evidenciam indícios significantes das dimensões propostas, inclusive criando um processo antagonista nas relações de competitividade e classe assalariada.

Os avanços tecnológicos causaram a elevação das exigências em todos os aspectos, nesse contexto, tal fenômeno gerou a necessidade de que a economia acompanhasse esses movimentos, logo, a nova economia é um conceito que engloba automação e tecnologia de informação, que pode ser entendida como o desenvolvimento evolutivo da velha economia, que deixa de se concentrar em produtos para priorizar serviços (cultura centrada em pessoas), a digitalização e a necessidade de maiores investimentos tecnológicos para elevação do grau de benefícios, ela representará uma disrupção em relação a muitas premissas tidas como base, como a centralização do mercado e consumidores passivos. Como a tecnologia tem transformado a nova economia como um todo?

Desde o final do século XX percebe-se a existência de um novo padrão competitivo, que destoa dos critérios de competição da era industrial, vigente até

aquele momento. Começa a sair de cena a economia estática, fortemente dependente de recursos naturais e commodities, para alçar um voo uma economia ligada à continua inovação, sustentada por modelos de gestão ágeis, menos hierárquicos, com times diversos e compromissos com a sustentabilidade. A Nova economia quebra a lógica da necessidade da relação com Estado, da dependência de subsídios e medidas protecionistas. (VACCARO et al, 2012)

Na nova economia, os processos tornam-se mais rápidos, integrados e modernos, possibilitando flexibilidade e comodidade ao ecossistema. Os contínuos ciclos giratórios de dispositivos tecnológicos e dispositivos essenciais traz uma nova ordem econômica emergente. A geografia da riqueza está sendo remodelado pelas ferramentas, exploradas pelo viés da competitividade, do empreendedorismo, da inovação, da sustentabilidade, e de novos mercados.

Essa modernização, logo, é de alta relevância para a qualificação da nova economia, à medida que eleva a competitividade do mercado como um todo. Ademais, ela é responsável, também, por propiciar aumento no desempenho, deixando alguns procedimentos fragmentados e personalizados. Outro ponto que, devido à sua importância, não pode ser negligenciado, refere-se à ligação das empresas aos consumidores, o que é realizado por meio de experiências únicas e serviços de excelência, já que o conhecimento (dados) é a moeda da era digital.

Sendo assim, as mudanças trazidas no aprimoramento contínuo de processos abrangem flexibilidade, eliminação de desperdício, ambientes horizontais e transparência, formando uma nova economia que destoa do modelo tradicional.

Segundo Marques et al. (2007) a metodologia é a apresentação da trajetória realizado pelo pesquisador, para elaboração da pesquisa. Há dois caminhos que levam ao tipo de escolha que se dará de acordo com o critério do pesquisador, quanto aos fins e quanto aos meios. Desta forma, quanto aos fins, busca-se a explicativa; que objetiva trazer a explicação de prováveis relações existentes entre a evolução tecnologia e economia; quanto aos meios; necessariamente uma pesquisa

bibliográfica, que tem por objetivo maior trazer veracidade aos fatos elencados no trabalho.

Foram selecionados artigos que atenderam às questões norteadoras e que compreenderam artigos e livros publicados em português, no período de 2000-2020. O trabalho foi desenvolvido em 3 capítulos. No 1º capítulo remete a transição da economia, revolução tecnológica, grandes crises, e o que mudou a forma de como a economia é prestada. Este novo padrão competitivo, destoa dos critérios de competição da era industrial., no 2º capítulo busca-se evidenciar a revolução financeira, que diante do ambiente em constante transformação, uma série de inovações e tecnologias que permitem mais liberdade facilidade para as pessoas, onde temos novas formas de dinheiro, que não dependem de estados ou organizações para funcionar, e no 3º e último capítulo, evidencia-se os impactos do novo padrão econômico sobre as relações do emprego.

2 A TRANSIÇÃO PARA A NOVA ECONOMIA

Neste capítulo vamos contextualizar o início do padrão econômico, sua evolução até o final do século XX, onde percebe-se a existência de um novo padrão competitivo, que destoa dos critérios de competição da era industrial, vigente até aquele momento. Começa a sair de cena a economia estática, fortemente dependente de recursos naturais e commodities, para alçar um voo uma economia ligada à continua inovação, sustentada por modelos de gestão ágeis, menos hierárquicos, com times diversos e compromissos com a sustentabilidade, abordaremos alguns princípios e sua transformação.

2.1 A VELHA ECONOMIA

O mundo começou a nascer no fim da Primeira Guerra Mundial (1914-18), segundo Barreto (2020), o sistema colonial que sustentava o crescimento das metrópoles europeias durante séculos à custa da riqueza de povos dominados começaram a cair por terra. Pela primeira vez na história moderna, quase todos os Estados Nacionais do planeta eram independentes ou estavam em vias de ser. Cada Estado passou a controlar a direção da economia tomando medidas que revolucionaram os hábitos, portanto já existia, no mínimo, uma relação comercial bilateral.

Para Barreto (2020), o mundo global já era muito diferente ao fim da Segunda Guerra (1939-1945). Os antigos impérios europeus desmoronaram, nações surgiram e outras foram engolidas na órbita das emergentes superpotências. O próprio redesenho das fronteiras exigiu novos modelos de organização e integração no que se refere às trocas. Data desse período aquela divisão – há muito tempo superada – dos países entre primeiro mundo (os industrialmente desenvolvidos), segundo mundo (os do bloco socialista, de economia planificada) e terceiro mundo (os subdesenvolvidos ou, eufemisticamente, em desenvolvimento)

Portanto, somente após a segunda guerra mundial, os líderes dos países desenvolvidos criaram uma nova ordem internacional que possibilitou a redução parcial das barreiras. Foi plantada, assim, a semente que acabou se transformando num dos principais alicerces da globalização. (BARRETO,2020)

Segundo argumentos de Barreto (2020), a globalização ocasionou maior integração econômica, maior comercialização de serviços financeiros e um crescimento de atividades internacionais de fusões e aquisições; e a desregulamentação desses serviços, tanto em termos geográficos quanto em termos de produtos - traz um novo cenário nos serviços financeiros.

A definição do fundo monetário Internacional explica:

A globalização é um processo histórico, resultado da inovação humana e do progresso tecnológico. Refere-se à crescente integração das economias em todo o mundo, especialmente por meio de fluxos comerciais e financeiros. O termo tornou-se comum desde a década de 1980, refletindo os avanços tecnológicos que tornaram mais fácil e rápido concluir as transações internacionais – tantos os fluxos comerciais como os financeiros. Refere-se a uma extensão além das fronteiras nacionais das forças de mercado que operaram por séculos em todos os níveis de atividade econômica humana [...] (BARRETO,2020, p.41)

Portanto, a velha economia estava ligada a uma expressão consagrada na história da industrialização, que se refere à fabricação de bens materiais altamente mecanizados e automatizados, caracterizando-se como uma economia monopolista e oligopolista, que lhes assegura o domínio do mercado e, por consequência, a possibilidade de aumentar preços e prestar serviços e atendimentos ruins, mas mesmo assim auferir lucros acima de sua capacidade competitiva (BARRETO, 2020)

A industrialização esteve na vanguarda da inovação e foi caracterizada por 5 cinco ondas de mudança tecnológica e seus respectivos acontecimentos marcantes e consequentes de grandes crises financeiras. A tabela 1 a seguir ilustra bem esse processo:

Sob o entendimento de Santos, Lemes, Stevan (2018) a indústria 1.0 (primeira revolução industrial) melhorou a eficiência por meio do uso de energia a vapor e do desenvolvimento de máquinas-ferramentas; A Indústria 2.0 comprou eletricidade e produção em massa, enquanto a Indústria 3.0 é definida pela automação acelerada usando eletrônica e tecnologia da informação. A Indústria 4.0 é baseada no conceito de Sistemas *Cyber-Físicos* e é também impulsionada pela adoção da Internet das Coisas (*IoT*), Computação em Nuvem e Análise de *Big Data*.

2.2 A NOVA ECONOMIA

O conceito de nova economia foi registrado pela primeira vez em 1983, na revista americana *Time*. Em seu artigo “*The New Economy*”, o jornalista Charles P. Alexander afirma que a nova economia é marcada por mudanças rápidas e contrastes acentuados.

Para Barreto (2020) os avanços tecnológicos causaram a elevação das exigências em todos os aspectos, nesse contexto, tal fenômeno gerou a necessidade de que a economia acompanhasse esses movimentos, logo, a nova economia é um conceito que engloba automação e tecnologia de informação, onde pode ser entendida como o desenvolvimento evolutivo da velha economia, que deixa de se concentrar em produtos para priorizar serviços (cultura centrada em pessoas), a digitalização e a necessidade de maiores investimentos tecnológicos para elevação do grau de benefícios, representará uma disrupção em relação a muitas premissas tidas como base, como a centralização do mercado e consumidores passivos.

O que é, de fato, tecnologia? Pinto (2005) elucida a complexidade do tema destaca, quatro sentidos mais usuais do conceito de ‘tecnologia’. O primeiro e mais geral é seu sentido etimológico: ‘tecnologia’ como o ‘logos’ ou tratado da técnica. Estariam englobados, nesta acepção, “a teoria, a ciência, a discussão da técnica, abrangidas nesta última acepção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e,

generalizadamente, os modos de produzir alguma coisa” O segundo sentido de ‘tecnologia’ é tomado, no senso comum e no linguajar corrente, como sinônimo de técnica ou de *know-how*. O terceiro sentido, que também aparece frequente, relaciona-se ao ‘conjunto de técnicas de que dispõe uma sociedade’. Refere-se mais especificamente ao grau de desenvolvimento das forças produtivas de uma determinada sociedade. Por fim, um quarto sentido, ligado a este último, que é o de ‘tecnologia’ como ‘ideologia da técnica’.

A etimologia da palavra, que vem do grego e que deve ser separada em duas partes: 1“*téchne*”, que pode ser definido como arte ou ofício e 2“*logia*”, que significa o estudo de algo. Ainda no campo das definições, buscamos o velho dicionário. Assim, o Houaiss:

1. Tratado das artes em geral. 2. Conjunto dos processos especiais relativos a uma determinada arte ou indústria. 3. Linguagem peculiar a um ramo determinado do conhecimento, teórico ou prático. 4. Aplicação dos conhecimentos científicos à produção em geral: Nossa era é a da grande tecnologia. T. de montagem de superfície, Inform: método de fabricação de placas de circuito, no qual os componentes eletrônicos são soldados diretamente sobre a superfície da placa, e não inseridos em orifícios e soldados no local. T. social, Sociol: conjunto de artes e técnicas sociais aplicadas para fundamentar o trabalho social, a planificação e a engenharia, como formas de controle. De alta tecnologia, Eletrôn e Inform: tecnologicamente avançado: Vendemos computadores e vídeos de alta tecnologia. Sin: high-tech.” (HOUAISS,2009, p.1783)

O conceito exposto vai direto ao assunto e traz um resumo que não deixa muito claro o que é a tecnologia. Assim, simplificando, podemos dizer que a tecnologia é o uso de técnicas e do conhecimento adquirido para aperfeiçoar e/ou facilitar o trabalho com a arte, a resolução de um problema ou a execução de uma tarefa específica.

Dessa forma, ela pode ser aplicada em diversas tarefas diferentes – aparecendo em situações que poucas pessoas consideram envolver a tecnologia. O simples aproveitamento dos recursos naturais e a transformação do ambiente ao seu favor, por exemplo, é capaz de ser considerado como um movimento tecnológico.

Segundo Barreto (2020) a linguagem da informática tem revelado imensas possibilidade que a tecnologia abre em todas as áreas, estando em crescente destaque na Economia. O comportamento social, os instrumentos de trabalho, os meios de comunicação e de aprendizado estão em constante evolução, resultado desse desenvolvimento tecnológico, ou seja, trata-se sobre a fusão entre os mundos físico e digital.

Segundo Santos, Lemes e Stevan (2018) a indústria 4.0 marca uma suposta quarta revolução industrial, caracterizada por “fábricas inteligentes”, trata-se da fusão dos mundos físico, digital e biológico. bilhões de pessoas estarem conectadas por meio de smartphones com poder de processamento sem precedentes, a capacidade de armazenamento e acesso ao conhecimento serão ilimitados. E estas possibilidades serão multiplicadas por avanços tecnológicos emergentes como a inteligência artificial, a robótica, a “internet das coisas”, os veículos autônomos, a impressão 3-D, a nanotecnologia, a biotecnologia, a ciência dos materiais, o armazenamento de energia e a computação quântica.

Para Santos, Lema e Stevan (2018) assim como outras áreas da indústria e logística, a economia vem se transformando, o que deu origem ao que chamamos de nova economia. Contextualizando, a ideia do termo, tem origem na década de 1980, para descrever a substituição da lógica de fabricação manufatureira por outra, que é o fornecimento de produtos e serviços associados ao desenvolvimento de tecnologia proprietária, formado por empresas com modelos de negócio digitais – aquele em que existe uma convergência de múltiplas inovações tecnológicas, potencializadas pela conectividade.

Segundo Barreto (2020) nos Estados Unidos, o uso dessa expressão foi bastante popular no final dos anos 1990, quando ocorreu a chamada bolha das empresas ponto com. Esse período foi caracterizado pelo desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, altas taxas de crescimento econômico, baixa inflação e alto nível de emprego, num contexto de globalização da economia.

Tudo isso levou a previsões exageradamente otimistas e planos de negócios equivocadas.

Para Epping (2020) a nova economia traz indústrias de base tecnológica com altas taxas de crescimento, consideradas pioneiras em processos de maior produtividade e importantes para o desenvolvimento econômico. foram vistas como o início da transformação de uma economia baseada em commodities e manufatura para uma em que a tecnologia era a maior protagonista, principalmente pela disseminação da internet.

Segundo Barreto (2020) a nova economia pode ser vista como um redesenho do tradicional sistema capitalista, levando temas como objetivos ambientais e sociais para rodas de discussão sobre crescimento econômico, torna-se substituta da logica manufatureira por outra, que é o fornecimento de produtos e serviços associados ao desenvolvimento de tecnologia proprietária, formado por modelos de negócios digitais – aquele em que existe uma convergência de múltiplas inovações tecnológicas, potencializadas pela conectividade.

Nas palavras do professor da *Stern School of Business* da Universidade de Nova York, Scott Galloway

Em uma economia capitalista saudável, a riqueza está sempre em risco. A competição estimula a inovação, o que rompe a ordem estabelecida, criando vencedores – e também perdedores. Josep Schumpeter chamou isso de “tempestade de destruição criativa. A longo prazo, os escombros (idealmente) financiam uma sociedade mais empática e uma infraestrutura para mais inovação e prosperidade – mas isso só acontece se a tempestade soprar. Naturalmente, os vencedores tendem a perder o entusiasmo por esse processo quando a própria riqueza é destruída criativamente. Então eles lutam de volta. E uma de suas armas preferidas de fortalecimento é a política governamental. (BARRETO, 2020, p.34)

De acordo com Barreto (2020) as Revoluções tecnológicas são marcadas por um período de instalação, um de ponto de virada e um de desenvolvimento – Tabela 2. O ponto de virada, em especial, é precedido por crises relevantes, eliminando distorções para, então, permitir uma fase de desenvolvimento com grandes resultados para a sociedade.

Tabela 2 - Revoluções Industriais

ONDAS DE MUDANÇAS TECNOLÓGICAS	TECNOLOGIAS DE TRANSPORTE, COMUNICAÇÃO, ENERGIA	PAÍSES MAIS BENEFICIADOS
1ª e 2ª Revolução Industrial (1780 – 1880)	Canais, estrada de ferro, telégrafo, roda-d'água e energia a vapor	Europa
Idade da Eletricidade (1880 – 1930)	Eletricidade, ferrovia (aço) e telefone	Europa
Idade da Produção em Massa (1930 – 1980)	Petróleo, rodovias e rádio	Estados Unidos
Idade da Microeletrônica (1980 – 2000)	Gás e redes de celular	Estados Unidos e Sudeste Asiático
Idade da Internet (2000-)	Smartphones, 5G, Inteligência artificial, plataformas de internet	Estados Unidos e China

Fonte: BARRETO, Diego, Nova Economia, Gente, 3ª edições, 2020, p.14

Também na mesma retórica, para (Pellini, 2020) os ciclos econômicos são movimentos de expansão monetária que levam às distorções econômicas, configuram-se por um período de expansão, pico, contração ou depressão, recuperação e retomada. Esses movimentos são marcados por grandes crises, locais ou globais.

Para Gadrey (2000), a nova economia é uma de forte crescimento. O crescimento econômico (no sentido mais tradicional do termo), crescimento sem inflação, exceptuando a inflação do preço dos ativos financeiros (as cotações de bolsa), inflação esta que não é tolerada, mas desejável, porque reflete o dinamismo da economia.

A nova economia repousa ao mesmo tempo sobre a produção e a difusão das novas tecnologias da informação e comunicação, que constituem os principais vetores de crescimento, também a expansão dos empregos de serviços (funções de serviços internas do setor industrial, e sobretudo atividades de serviços no sentido tradicional). As novas tecnologias puxam para cima a produtividade, o crescimento e a inovação, e na base deste crescimento a produção e a procura de serviços podem acompanhar, criando empregos em grande número. (GADREY, 2000)

Segundo argumentos de Gadrey (2000), a nova economia exige um nível muito elevado de Flexibilidade do trabalho e do mercado de trabalho. Os sistemas interiores (as carreiras internas das organizações), ou mesmo do emprego para toda a vida, a rigidez salarial e os horários de trabalho estáveis ou previsíveis são incompatíveis com o imperativo de inovação permanente, com o fluxo extensivo industrial, e mais ainda com as condições de produção dos serviços (sejam eles high-tech ou não), que devem poder adaptar-se de modo flexível aos fluxos de clientela a procura de prestações.

Um novo modo de governança das empresas é necessário, pondo ou repondo os proprietários do capital, os acionistas, nos pontos de controle das performances, da organização e da estratégia. Esta forma de governança mantém relações muito estreita com as características, também elas novas, de mercados financeiros desregulados: livre circulação, livre especulação, desobrigação dos estados. As tecnologias constituem, de novo, um ponto de apoio poderoso a favor desses tipos de transformação do sistema. (GADREY, 2000)

Sob o entendimento de Vaccaro et al (2012), o termo “Nova Economia”, está associado à busca de novas oportunidades sob o contexto de uma nova lógica de competição. podem ser exploradas pelo viés da competitividade, do empreendedorismo, da inovação, da sustentabilidade, e de novos mercados. Sua essência é a geração de oportunidades, pelo repensar de práticas vigentes ou pela implementação de práticas de geração de valor não existentes.

Vaccaro et al (2012) argumenta que nesse contexto de amplitude, o novo padrão competitivo da nova economia considera algumas premissas:

- a) Proposito: Lucro e dinheiro já não são os únicos indicadores de sucesso, seja para carreiras ou organizações. É necessária uma causa maior para ser bem-sucedido, é preciso descobrir um propósito que motive a construção de uma carreira ou de um negócio;
- b) O cliente é o centro: produtos e serviços na experiência do usuário (cliente), estabelecer conexões emocionais que traduzem na fidelização do cliente, à medida que os novos desejos são identificados;
- c) Nova demanda: Na velha economia, o mercado girava por meio da percepção de uma necessidade quer era, então, atendida. Na nova economia, constrói-se demandas baseadas no desejo de tornar ações e serviços mais ágeis, a partir de um problema, desenvolve-se um produto;
- d) Falhas e flexibilidade: As transformações em alta velocidade são uma constante na era digital, portanto, a flexibilidade ganha relevância. Esse atributo permite adaptações rápidas para que as organizações aproveitem as oportunidades através das correções das falhas, ajuste a meta e sigam em frente.

- e) Ambiente de incerteza: A nova economia entende que uma solução nunca está totalmente pronta, pois sempre há o que melhorar. A construção de modelos simplificados, testados e aprovados, diminuem as incertezas e trazem previsão de comportamentos;
- f) Oportunidade na crise: Crises relevantes causam mudanças de comportamento, emergem oportunidades não exploradas;
- g) Inovar para continuar: Na nova economia empresas precisam se reinventar após períodos curtos, de apenas alguns anos. As transformações são frequentes e rápidas, na maioria das vezes parece mais com uma adequação a um contexto ou detalhe que não havia sido notado.

Sob o entendimento de Barreto (2020), a Magazine Luiza é uma organização que prosperou em modelos tradicionais e também na nova economia, com saltos expressivos, entre os modelos, vejamos: 43 anos para faturar seu primeiro R\$ 1 bilhão (modelo lojas físicas); 10 anos para faturar mais R\$1 bilhão (modelo e-commerce) e finalmente R\$ 2 bilhões em 2 anos (modelo marketplace), logo o padrão competitivo na nova economia focadas nas pessoas, com muita flexibilidade para adaptar-se às rápidas mudanças de mercado, baseadas em propósito e atentas para as questões de sustentabilidade socioeconômicas e ambientais, ressaltam:

- a) Negócios criativos: trabalham, basicamente, com bens intangíveis e ganham dinheiro com o que gostam;
- b) Negócios sociais: trabalham com foco em gerar impacto positivo na sociedade;
- c) Negócios escaláveis: com crescimento exponencial e alta materialização do lucro;
- d) Negócios inovadores: empreendem com o dinheiro dos acionistas das empresas em que trabalham.

2.3 TRANSFORMAÇÕES DO PADRÃO ECONOMICO

Sob o entendimento de Vaccaro et al (2012), as novas economias encontram terreno fértil em contextos onde políticas governamentais cooperam com ações empreendedoras e criam um ambiente propício para a formação de novos mercados, novos produtos e novas cadeias de produção. Podemos destacar:

2.3.1 Governança Corporativa Social

A governança das organizações está focada em pessoas e a transparência tende a ser um valor ético básico, esse processo toma um contexto mais amplo, permitindo a participação de representantes das várias partes interessadas (stakeholders) da organização, representantes dos executivos da organização, sócios (ou investidores) - quando estes não forem os executivos - colaboradores, consumidores e da sociedade. Traz a abertura total da organização, para todos possam atuar no processo de governança, conhecendo e interferindo diretamente na estratégia. (SENA, 2019)

2.3.2 Cocriação de produtos

O desenvolvimento de produtos segue as exigências de personalização e escala que permite oferecer produtos exclusivos e produzidos a custos bastante competitivos, além de atender as características genéricas exigidas pelo público alvo.

A cocriação de produtos é um experimento contemporâneo, reúne o padrão de desenvolvimento de todas as organizações envolvendo não só o público, mas também fornecedores, parceiros comerciais e mesmo órgãos de regulação e entidades sociais. O setor de atendimento aos consumidores integra o setor de P&D das organizações, como fornecedores de insumos para novas soluções de mercado. (SENA, 2019)

2.3.3 Operação descentralizada e cooperativa

O processo produtivo torna descentralizado. As pessoas trabalham de forma cooperada e podem responder por atividades produtivas específicas, sendo remuneradas por sua produtividade.

Organizações em rede passam a ter o controle do mercado de serviços e as cooperativas preenchem as formas mais comuns para as pequenas indústrias, que consumirão tecnologias desenvolvidas em centros de pesquisa abertos. As organizações buscam a obtenção de resultados com a produção com o viés de alcançar um propósito social mais do que apenas gerar lucro. (SENA, 2019)

2.3.4 Equipes autogeridas

Outra característica das novas estruturas organizacionais é uma mudança radical do conceito de liderança e controle do trabalho, altera-se o conceito de times ou equipes autogeridas, que se incumbem da execução de projetos e podem alterar sua composição e funcionamento a cada nova execução.

Um conceito importante para a vida profissional será a reputação. Os times de trabalho promoverão processos de avaliação sócio profissional que levarão em conta um contexto mais amplo no que tange a vida do trabalho. Os valores das organizações se alinham com os valores da sociedade e das pessoas (nesta ordem), sem espaço para individualismos. (SENA, 2019)

2.3.4 Vendas em plataformas

O comércio eletrônico consolida sua forma hegemônica de efetivação de compra de bens e serviços. A maioria das lojas físicas já estão em conversão para

ambientes de experimentação (showroom) ou centros de distribuição para retirada dos produtos comprados eletronicamente. As compras mais rotineiras partem de um processo de suprimento automático, que podem ser ajustados remotamente, apenas incluindo ou retirando itens de uma lista. O comércio passa a ser o setor econômico totalmente digital (*machine-to-machine*). (SENA, 2019)

2.3.5 Pagamento pelo uso

Temos a mudança do padrão econômico de posse para o de uso, confere as pessoas o desapego da propriedade de bens de consumo por compartilhamento de recursos. As relações comerciais transformam-se em serviço e são pagas pelo uso. (SENA, 2019)

2.3.6 Propaganda digital e social

A comunicação massiva e intensa cessou. A propaganda se torna mais social, baseada nas recomendações das pessoas do seu relacionamento, produtos experimentados e comentados. A comunicação baseada em conteúdo acreditado deve ser a forma como as organizações se posicionam para ganhar clientes. A propaganda será onipresente, interativa, transparente, integrada e *omnichannel*. (SENA, 2019)

2.3.7 Marketing de comunidade

O mercado (ambiente de troca) será totalmente transformado. As empresas devem compartilhar a gestão de marketing com a comunidade. Os especialistas de marketing não devem mais ditar as regras do mercado. As pessoas devem pagar pelo que realmente tiver necessidade de usar. Não existem mais barreiras geográficas ou linguísticas, nesse cenário o nível de esclarecimento e exigência das pessoas quanto ao consumo é cada vez maior. (SENA, 2019)

2.3.8 Produção e consumo com base em compromissos de sustentabilidade socioambiental

A formulação de acordos que garantam que a produção, comercialização, consumo e descarte dos produtos ofereçam garantias de sustentabilidade socioambiental passam ser mandatórias. As pessoas passam a oferecer garantias ou contrapartidas, visando um consumo mais consciente e sem desperdício e o compromisso com o descarte correto dos resíduos gerados individualmente ou pela comunidade. Na outra ponta, as empresas aplicam processos menos poluentes, uso de materiais reutilizáveis, economia de energia e uso de energias renováveis e a inclusão de logística reversa para os resíduos. (SENA, 2019)

Para Barreto (2020) os avanços provocados pelas novas tecnologias nas últimas décadas e as novas relações entre pessoas e das pessoas com as organizações, seja trabalhando, seja consumindo, levam toda a sociedade a um novo patamar. Os novos desafios podem nos deixar excitados e motivados ou podem simplesmente nos estressar e nos paralisar, assim, abordaremos como a tecnologia dará mais liberdade e segurança para gerar riqueza, uma verdadeira revolução financeira, que será tratada no próximo capítulo.

3 A REVOLUÇÃO FINANCEIRA

De acordo com Pellini (2020), a nova economia está modificando a maneira de fazer negócios. A rapidez e a conveniência proporcionada pela comunicação on-line trouxeram novas alternativas aos processos tradicionais, como a comercialização de produtos, o relacionamento com clientes, a propaganda e a atuação com fornecedores, podemos citar alguns exemplos:

- a) A maior empresa de hospedagem do mundo não possui nenhuma acomodação própria;
- b) O maior veículo de mídia do mundo não é essencialmente um criador de conteúdo;
- c) A maior empresa de transportes do mundo não possui nenhum veículo

Porém, quando se entende o impacto dessa nova dinâmica e como ela promove maior igualdade, é possível enxergar que o futuro chegou e que o mundo está vivendo uma verdadeira transformação. Essas inovações mudaram os mercados e indústrias, e não é de se espantar que tenham chegado também ao tradicional sistema financeiro e estejam modificando completamente a maneira de lidar com o dinheiro.

O sistema monetário atual, é ultrapassado e pouco ágil, passa por transformações e tenta acompanhar o rumo das mudanças ao redor do planeta, o dinheiro também sofrerá transformação, para algo inédito e viável, ou seja, a tecnologia, por sua vez, tem remodelado a estrutura da indústria de serviços financeiros, permitindo a entrada de novos participantes, fornecedores de serviços especializados (que incluem também os agregadores financeiros, tais como portais e sítios de pesquisa de preços). Há também uma participação crescente de empresas

não bancárias no setor, tais como empresas de telecomunicações (que passaram a fornecer serviços de informação financeira). (PELLINI, 2020)

Segundo Pellini (2020) quando analisado a tecnologia e dinheiro, de um lado temos uma série de inovações e tecnologias que permitem mais liberdade facilidade para os usuários, de outro, temos, na maior parte dos países, a versão analógica em papel-moeda. No médio disso, ainda temos novas formas de dinheiro, que não dependem de estados ou organizações para funcionar.

As instituições financeiras tradicionais, principalmente os grandes bancos, nem sempre oferecem o melhor produto para seus clientes. Há muito produtos com taxas embutidas e que são lucrativos para os bancos do que para o cliente. Vejamos que na realidade da internet e da convergência tecnológica, que caracteriza a nova economia, ser digital, é incrível, ter um produto com escalabilidade alta e, com isso, acaba sendo muito mais barato, foi o que produziu uma fintech brasileira das mais bem-sucedidas, o cliente recebia um cartão de crédito que não tinha cobrança de anuidade e cuja operações ele mesmo controlava. (PELLINI, 2020)

Sob o entendimento de Pellini (2020) outro movimento muito interessante e que ajuda a democratizar o crédito é o empréstimo *peer-to-peer*, como são chamadas as plataformas em que pessoas físicas emprestam dinheiro entre si, sem precisar pagar um empréstimo de uma agência física de uma instituição financeira tradicional.

De acordo com Epping (2020) A economia global funciona com base no comércio de bens e serviços. Sem dinheiro, contudo, o comércio seria um empreendimento muito difícil. Imagine enviar pêssegos para a França e esperar ser pago com o próximo carregamento de queijo. Assim, esses problemas podem ser resolvidos por meio de algo que represente valor, o dinheiro funciona como uma unidade de contabilização, informando quanto valem as coisas e servindo de referência universal.

No início, a moeda de troca era a prática do escambo, ou seja, a simples troca de mercadoria por mercadoria, sem equivalência de valor. Até que o homem descobriu o metal e passou a utilizá-lo. Primeiramente, o metal foi usado para fabricar utensílios e armas, que antes eram feitos de pedra. Mas tarde esses objetos foram substituídos por um objeto chato de forma circular, estas seriam as primeiras moedas de que se tem notícia. (PELLINI, 2020)

De acordo com Pellini (2020) as moedas eram feitas de eletro, uma mistura de prata e ouro e eram estampadas com as figuras que identificam o valor de cada uma. Os chineses substituíram suas moedas de metal pelo papel-moeda, tudo indica que devida a falta de metais.

Segundo Pellini (2020), somente em 1661, o Swedish Stockholm Bank, na Suécia, tornou-se o primeiro banco a emitir dinheiro impresso em papel no continente europeu. Em seguida, sete anos depois, em 1668 foi criado o primeiro banco central do mundo no país, o Sveriges Riksbank.

Relata Pellini, 2020, que com o tempo, os governos passaram a ter o controle da emissão das cédulas. O banco Central da Inglaterra, por exemplo, foi criado em 1694 inicialmente como uma sociedade anônima privada. Foi na Inglaterra em 1816, que surgiu a ideia de uma moeda lastreada, quando da decisão de vincular a emissão do dinheiro a riqueza em ouro que havia no país. Havia um limite de impressão de notas, e a quantidade de dinheiro em circulação deveria ser a mesma da quantidade de ouro em propriedade do governo. Algumas décadas depois, em 1879, os Estados Unidos adotaram o padrão-ouro de conversão, baseando-se o valor da moeda no metal dourado. Assim, com 1 dólar você poderia sacar o equivalente a ouro. Essa prática de conversão começa a mudar, no entanto, após a Grande Depressão. Em 1933, o presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt nacionalizou o ouro, emitindo, uma ordem executiva que exigia que todas as moedas, barras e certificados de ouro fossem entregues ao banco central do país – Federal Reserve (Fed)-, sob pena de punição e multas. Essas políticas foram reforçadas no *Gold Reserve Act* 1934, deliberação que aboliu a conversibilidade do dólar em ouro.

Em 15 de agosto de 1971, Richard Nixon, outro presidente norte-americano, colocou fim ao Acordo de *Bretton Woods* de 1944, que previa que o regime de câmbio internacional ficasse indenizado ao dólar norte-americano. Na prática, desde a década de 1940, as principais moedas do mundo estavam atreladas ao dólar dos Estados Unidos e este, por sua vez, ao ouro. Desde o fim de *Bretton Woods*, o sistema monetário, pilar da economia mundial, não está baseado em nada palpável fisicamente, somente na confiança.

A partir do momento em que passaram a ter total controle da moeda, os governos e seus respectivos bancos centrais começaram a interferir diretamente na quantidade de moeda disponível em circulação no país, iniciando, assim, as guerras cambiais. Estamos falando de um processo de depreciação deliberada das moedas domésticas, com o propósito de estimular a economia do país, imprime-se mais moeda para estimular o crescimento econômico, mas como consequência, o poder de compra de uma nação acaba diminuindo no longo prazo. Esses movimentos de estimula a atividade econômica, ora por meio da injeção de liquidez por expansão monetária ora reduzindo taxa de juros, criam distorções de preços. Esses não são movimentos econômicos naturais, mas sim, movimentos artificiais que intensificam o surgimento de crises. Pode-se citar importantes ciclos econômicos do último século, apresentados abaixo e entender esses movimentos é fundamental para validar a revolução financeira. (PELLINI, 2020)

- a) 1929: A crise de 1929;
- b) 1971: O fim do sistema padrão-ouro;
- c) 1994: A crise dos mercados emergentes;
- d) 1997: Segunda fase da crise dos mercados emergentes;
- e) 2000: A Crise das Pontocom;

- f) 2007-2008: A crise do Subprime;
- g) 2014 – Recessão Brasileira;
- h) 2019 – O maior ciclo de expansão econômica da história dos Estados Unidos. A bolsa brasileira na máxima histórica.

A revolução financeira pela qual o mundo está passando é disruptiva e vai transformar por completo o mundo no qual vivemos. E é importante termos em mente que essa é uma transformação que não ficará restrita a uma elite rica ou pessoas ligadas a tecnologia. Não. Ela afetará a todos, de forma indistinta; ricos e pobres, em países mais ou menos desenvolvidos. (EPPING, 2020)

O desenvolvimento recente da tecnologia é cada vez mais democrático, abrangendo quem tem maior ou menor grau de familiaridade com as diversas inovações em geral, vejamos:

- a) A invenção da prensa, pelo alemão johannes gutenberg, 1423, possibilitou a democratização da informação; surge a comunidade de leitores e os veículos de massa, como jornais e revista ;
- b) Possibilidade de imprimir a bíblia, deu acesso a um conteúdo restrito e poderoso; base para revolução luterana; acesso direto a informação, sem intermediários;
- c) Telegrafo no fim do século XIX, já permeava a informação através de dois pontos, no entanto, o italiano Guglielmo Marconi inventa um sistema cujo sinal viajava pelo ar: o rádio;
- d) A internet, criada com objetivo de interligar militares e cientistas, a partir de 1969, expandiu-se no âmbito acadêmico norte-americano, e em seguida, para

outros países. Em 1987, houve o uso comercial nos EUA pela primeira vez e em 1995, no Brasil.

Pellini (2020) destacou que a revolução da informação começou com a prensa, passou pelo telegrama, depois pelo rádio, pela televisão, pelo telefone e, então, pela internet, no entanto, esta última engloba todas as revoluções numa só, é uma plataforma livre e acessível a todos, e que tornará possível a revolução financeira.

A revolução financeira acontecerá em várias frentes e tem como base um conjunto de invenções desenvolvidas por pessoas (individualmente ou em grupos) ou por startups que estão repensando a nossa forma de nos relacionarmos com o dinheiro e com as informações que circulam na rede. Esta revolução será tão poderoso, como a internet foi. Um deles é que a tecnologia tem trazido transformações que democratizam serviços, produtos e também mudam a nossa percepção do que é liberdade. Os caminhos ofertados pelas inovações tecnológicas são imprevisíveis, inimagináveis e tem como foco o indivíduo livre e empoderado. (EPPING, 2020)

Defendido por Pellini (2020), o dinheiro já teve vários formatos, como ouro, prata, sal e papel. Na prática um pedaço de papel não tinha valor em si, até o momento em que alguém – um governo ou uma instituição privada – deu a ele confiança para que se transformasse em dinheiro. A partir dessa decisão simbólica, o dinheiro se transformou em uma linguagem ou melhor, num protocolo, que os seres humanos usam para convencionar e expressar valor um ao outro. Além das moedas oficiais, também há moedas sociais paralelas usadas em locais como tribos indígenas e comunidades., há ainda outros tipos de moedas, milhas do cartão de crédito, cartes de vale presentes, programas de fidelidade, exemplificam outros formatos possíveis de troca.

Relata Pellini (2020) que a moeda é uma informação, ela viaja pela internet e é totalmente desvinculada de instituições, sejam elas públicas ou privadas, seria a invenção e uma moeda universal, neutra e independente da regulação de um governo ou de um banco central.

3.1 UMA MOEDA LIVRE E DIGITAL

Para Pellini (2020), as primeiras experiências de uma moeda digital surgiram no final da década de 1980. Foram projetos que enfrentaram limitações e desafios, mas que acabaram se tornando peças de um quebra-cabeças que foi sendo construído de forma global e descentralizada ao longo de anos, até culminar na *bitcoin*. O poder e a escala global da rede da bitcoin não teria sido possíveis em outros momentos da internet e sem que outros desenvolvedores não tivessem conseguido avançar na tecnologia da criptografia e no conceito de rede descentralizada. É por isso que a história da moeda digital está muito conectada ao espírito do *Cypherpunk* dos anos 1980, um grupo de criptógrafos, cientistas e apaixonados pela internet que mantinham uma lista de e-mails, que, mais tarde ficaria famosa por hospedar a primeira versão pública do papel do *biticoin*.

Sob o entendimento de Pellini (2020), a internet foi criada dentro do ambiente militar e, em um primeiro momento, restrita a grupos muito pequenos de pessoas, a criptografia também foi criada como um artefato de guerra. Essa criptografia precisava chegar ao dia a dia das pessoas comuns e que seria perigoso o fato de essa tecnologia ser controlada por apenas um governo. Por isso decidiram disseminá-la mundialmente. É nesse contexto, que são criadas as primeiras experiências em moedas digitais:

- a) A primeira tentativa de criação de um dinheiro digital conhecida foi o *eCash*, criada em 1983 pelo criptógrafo americano David Chuam. É reconhecido como o projeto que deu as bases para o *DigiCash*;
- b) *Digicash* foi lançado em 1989. Centralizado, usou um sistema de chaves criptografadas com algumas semelhanças ao sistema usado pela bitcoin hoje;
- c) *Hashcash* de 1997, foi inicialmente concebido como uma forma de limitar o recebimento de spam, forçando o remetente a resolver um enigma computacional. A ideia não foi par a frente, nem como um mecanismo de proteção a spam nem como um instrumento financeiro. Porém, serviu de base

para a lógica de prova de trabalho – *Proof of Work (Pow)* – na mineração da bitcoin para criarem novos bitcoins, os mineradores precisam resolver enigmas;

d) *B-money* de 1998, explorava uma forma de criar uma moeda anônima, dentro de um sistema distribuído, no qual o dinheiro era criado pela resolução de enigmas similares ao proposto pelo *Hashcash*;

e) *BitGold* também de 1998, desenhou um algoritmo baseado em resolução de enigmas (*PoW*) que ajudou a criar o modelo de consenso existente na *blockchain* da bitcoin, em que os usuários da rede precisam provar as transações

f) *Paypal*, de 1998, é um primeiro caso de disrupção do meio de pagamento mundial. O *Paypal*, em si, não é uma moeda, mas foi a primeira plataforma a possibilitar transações financeiras ao redor do mundo em qualquer moeda. Foi uma revolução à sua época.

g) *Proofs of works* reusáveis (*RPOW*), de 2004, foi uma tentativa de transportar *Proofs of Works* em tokens intercambiáveis. O criador dessa ideia, Hal Finney, foi o primeiro usuário conhecido a receber uma bitcoin.

Segundo Pellini (2020) todo esse processo de insubordinação ao sistema vigente, de vontade de encontrar caminhos descentralizados e de tentativas de criação de uma moeda digital resultou no artigo *bitcoin: A Peer-to-Peer Eletronic Cash System* (*Bitcoin*, um sistema de dinheiro eletrônico *peer-to-peer*), publicado em 2008 por Satoshi Nakamoto, em uma lista de discussão sobre criptografia, que criou as bases para o surgimento do bitcoin, uma moeda digital, neutra, independente, criptografada e baseada em uma tecnologia completamente segura, que posteriormente veio a ser conhecida como *blockchain*.

A criptografia é uma questão-chave pois garante a privacidade, elemento fundamental para que o dinheiro seja livre de verdade. Criado no momento em que as

instituições financeiras tradicionais estavam sendo questionadas pelos seus atos e perderam, em grande medida, a confiança do grande público. Passou a ser uma resposta de indivíduos independentes a crise de 2008 e ao sistema financeiro tal qual ele existe. (PELLINI, 2020)

Como o *blockchain* surgiu a partir da criação da *bitcoin*, é natural que a primeira aplicação que vem à mente quando pensamos nessa tecnologia seja no campo do dinheiro, o *blockchain* tem sido usada pra fazer transferências internacionais em cerca de duas horas, algo que podia levar, no mínimo, dois dias.

Para Pellini (2020), *bitcoin*, *blockchain* e *fintechs* forma o tripé de mudanças que estrutura o que eu chamo de revolução financeira, uma transformação focada no protagonismo das pessoas através da inovação tecnológica. Uma revolução que diminuiu a fricção entre o consumidor e as empresas. Ou seja, toda burocracia, todos os tramites e processos, todo o desgaste que existe nessa relação, essa revolução, passou a influenciar no estilo de vida das pessoas, no emprego e na renda.

4 O NOVO EMPREGO

A contextualização dos grupos demográficos foi ponto de ruptura e que fizeram escolhas econômicas bastante diferentes entre suas gerações. (EPPING, 2020).

- a) 1945 a meados de 1960: baby boomers (boomers);
- b) Meados de 1960 a meados de 1980: geração x (gen x ou geração MTV);
- c) Meados dos anos 1980 até 2000: Millenials (geração Y ou geração do EU);
- d) 2000 a 2020: Geração Z (iGen, ou geração do smartphone)

Segundo argumentos de Epping (2020), os grupos econômicos não são diferentes. Os *babies boomers*, eram considerados particularmente otimistas, compravam carros e casas novos com alegria, tranquilizados pelo forte crescimento econômico e também pela prosperidade vivenciada com o fim da segunda guerra mundial.

A geração seguinte, a geração x, já era muito mais cética em relação ao poder dos mercados. A insistência dessa geração em encontrar um equilíbrio entre vida e trabalho refletiu o ceticismo econômico resultante das turbulências econômicas, dos anos 1970 e do posterior impulso de liberalidade dada aos mercados pela dupla Ronald Reagan e Margaret Thatcher, que levou ao boom econômico dos anos 1980. (EPPING, 2020)

Os *millenials*, já sofreram influência dos atentados de 11 de setembro de 2001 e da grande recessão de 2008. Vistos ainda como mais céticos e desconfiados em relação ao valor do crescimento econômico limitado. Também demanda mais ênfase na igualdade social, em um meio ambiente sustentável e na busca por qualidade de vida.

A tecnologia digital – basicamente o uso de computadores, tablets e smartphones – tem apresentado influência generalizada na economia.

O comportamento dos *millenials* em relação ao uso constante dos smartphones – o que se pronunciou mais na geração seguinte, geração z, e das muitas formas de mídia social acessíveis por eles, impulsionou mudanças comportamentais abissais, que só agora começam a ser compreendidas.

De acordo com Epping (2020) os jovens de todo o mundo não só renunciam a interação social real por horas incontáveis, alimentando amizades virtuais *online*, como também seu comportamento econômico e social está sendo afetado de diversas maneiras, tais como: o uso de álcool e drogas caiu significativamente. O uso de cigarros caiu abaixo da metade em muitos países, enquanto a parcela de estudantes do ensino médio sexualmente ativos caiu mais de 25%. O abandono da televisão para passar o tempo diante de telas menores também mudou o comportamento dos anunciantes e das empresas de mídia. O movimento em direção ao streaming de mídia, possibilitou a revolução na produção e distribuição. O conhecimento tecnologia dadas novas gerações destruíram muitos dos velos paradigmas da produção e comercialização de bens e serviços.

As redes sociais desempenham papel importante na mudança para produtos e serviços centralizados no consumidor individual e os nichos de mercado. O pluralismo das gerações anteriores, está sendo substituído por um mundo estreito e segmentado. Uma mudança no comportamento se faz presente nas gerações atuais, o conceito do direito de posse para o direito de uso, denominada em uma economia compartilhada, abertura e cultura para investimentos menos tradicionais, um planejamento financeiro e uma poupança constante. (EPPING, 2020)

Para Gadrey (2020) tal impacto impulsionado pelas mudanças das gerações e impulsionado pelas novas tecnologias e serviços, constituem dois polos essenciais de atividade chamada nova economia, muito hierarquizados. As novas tecnologias da informação e da comunicação forma o polo motor, inovador, criador de crescimento, de ganhos de produtividade e de empregos qualificados em todos os setores,

especialmente os dedicados à sua produção (programadores, análise de sistemas, redes e bases de dados em linha, internet...) As outras atividades de serviços (nos lares e nas empresas), puxadas pelo crescimento e pelo poder de compra resultante da revolução informacional, podem então criar em grande número os empregos diversos da nova economia – exige que o trabalho seja o mais flexível e o mais móvel possível, de acordo com a extraordinária capacidade de inovação dessas tecnologias.

No entendimento de Filgueiras, Cavalcante (2020), a expansão de “novas” formas de trabalho e o anacronismo da regulação protetiva do trabalho têm sido fortemente reivindicados por instituições privadas, como a Confederação Nacional da Indústria (CNI) no Brasil:

A disseminação das tecnologias da informação criou um novo mundo para o trabalho. Existem atividades intensivas em conhecimento que podem ser desenvolvidas por um grupo de pessoas espalhadas pelo país ou pelo mundo. Sendo especializado, esse tipo de trabalhador pode atender às demandas de diferentes empresas. Você pode trabalhar em casa, sem perder tempo no trânsito, determinando seus horários da maneira que melhor lhe convier. No entanto, as modernas relações de trabalho do século XXI ainda são reguladas por normas obsoletas da primeira metade do século XX (CNI, 2010, p. 109).

A nova geração de trabalhadores na economia mundial está chegando com expectativas e prioridades totalmente novas, quase todas relacionadas ao desejo de encontrar o equilíbrio perfeito entre trabalho e vida pessoal. Ao contrário das gerações passadas, cujo único objetivo era ganhar a maior quantidade de dinheiro possível, muitos dos que entram na força de trabalho hoje estão optando por trabalhar menos, mesmo que isso signifique ganhar menos. No modelo anterior, conhecido como turbocapitalismo, esperava-se que as pessoas trabalhassem cada vez mais horas para servir a economia – e a produção econômica e a riqueza crescentes eram os principais objetivos. (EPPING, 2020)

De acordo com Filgueiras, Cavalcante (2020) as características desse novo mundo do trabalho estão passando por uma transformação global. O precariado emergiu dessa nova estrutura, sendo uma classe caracterizada por incerteza e insegurança crônicas, apresenta diferentes relações de produção, distribuição e

direitos em comparação com os assalariados e o proletariado. O precariado é inerentemente instável, seus membros estão sempre prontos para um trabalho incerto, não têm controle sobre seu tempo e dependem exclusivamente do salário para sobreviver (porque não têm direitos trabalhistas). Em resumo, Filgueiras e Cavalcante afirma que, enquanto na grande transformação o capital nacional admitiu um trabalho estável para o núcleo do proletariado, hoje o capital global impõe completa instabilidade ao precariado.

Para Filgueiras, Cavalcante (2020), o tipo de trabalho que cresce mais rapidamente é o que ele chama de trabalho em multidão, realizado pelos responsáveis pelas tarefas (*taskers*), que fazem parte do precariado e realizam atividades sem direitos trabalhistas, estabilidade ou garantia de renda, nos últimos anos, se radicalizou com a disseminação dos chamados “aplicativos” e “plataformas”, que não apenas negam a natureza assalariada da relação entre empresa e trabalhadores, mas rejeitam o próprio caráter laboral da relação, imputando aos trabalhadores a condição de clientes das empresas.

Portanto, no entendimento de Filgueiras, Cavalcante (2020) as “novas” formas de trabalho que supostamente surgiram nas recentes transformações da nova economia, depende fundamentalmente do desempenho do mercado de trabalho e do papel da regulação protetiva do Estado e da resistência dos trabalhadores.

Relata Filgueiras, Cavalcante (2020) que as transformações na nova economia associadas ao uso das novas tecnologias da informação e comunicação: *gig economy*, *platform economy*, *sharing economy*, *crowdsourcing*, *on-demand economy*, *uberização*, *crowdwork*, trabalho digital, entre outros. pretendem identificar fenômenos que possuem as seguintes semelhanças: 1) contatos on-line entre produtores/provedores e consumidores, trabalhadores e empresas; 2) uso de aplicativos ou plataformas para acesso em computador ou em instrumentos móveis de comunicação; 3) uso intensivo de dados digitais para a organização e gestão dessas atividades; 4) relações estabelecidas por “demanda” (ou seja, os arranjos são feitos por produto, sem garantia de continuidade).

A posição que parece predominar é a de que essas transformações têm sido benéficas para quem trabalha, dentre outras razões, porque permitiriam que as restrições de oferta de serviços especializados por questões geográficas fossem reduzidas, facilitando a busca por oportunidades de renda para trabalhadores, independentemente da sua localização, ou, ainda, de que as plataformas e aplicativos tornariam a conexão e comunicação entre provedores de serviços e consumidores mais fácil e dinâmica, constituindo mercados on-line que facilitariam os negócios para ambos. As corporações alegam que: 1) são empresas de tecnologias digitais; 2) fazem a intermediação de atividades nas quais trabalhadores oferecem serviços de forma autônoma; 3) eliminam a subordinação, alegando liberdade para trabalhar quando, onde e como quiserem; 4) no caso mais extremo do novo adeus à classe trabalhadora, as empresas alegam que os trabalhadores seriam seus clientes, que pagariam uma “taxa” pelo uso do “aplicativo” ou “plataforma”. Filgueiras, Cavalcante (2020)

Segundo entendimento de Filgueiras, Cavalcante (2020) esse mecanismo de contratação de trabalhadores que se tornou cada vez mais comum em vários tipos de atividades, confere lucros diretamente ligados à insegurança e à precariedade daqueles que precisam aceitar as tarefas para garantir sua sobrevivência.

No que tange a tecnologia da informação e comunicação, elas ainda têm sido usadas para difundir a ideia de expansão das oportunidades de negócios para qualquer pessoa, engendrando uma espécie de neoempreendedorismo. O uso das tecnologias sugere uma aparente democratização dos meios de produção (basta ter um computador, carro ou mesmo bicicleta) para a produção “autônoma” de renda, seja como criador, seja como parceiro de uma startup. Isso é radicalizado quando as empresas alegam disponibilizar os apps ou as plataformas para pessoas que querem ofertar e melhorar “seus negócios”, engendrando a ideia de que os trabalhadores são clientes das empresas.

Anteriormente, as previsões focavam-se no trabalho industrial; no entanto, agora tratam do emprego assalariado como um todo. As pessoas estariam

experimentando novas maneiras de organizar o trabalho e a produção além do trabalho assalariado, em razão do crescimento do trabalho por conta própria, das “zonas cinzentas” e das relações indeterminadas, ou mesmo da transformação de trabalhadores em clientes. De todo modo, seriam relações inadequadas à regulação da legislação trabalhista. (FILGUEIRA, CAVALCANTE 2020)

No final das contas, o modelo futuro do novo emprego terá de se adaptar as novas influencias sociais, tecnológicas e econômicas. O trabalho deixa de ser um lugar aonde ir ou uma coisa para fazer e será visto, cada vez mais, como uma atividade com um proposito com sorte, que deveria fazer do mundo um lugar melhor. (EPPING 2020).

.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base a pesquisa desenvolvida foi possível analisar que a sociedade está passando por grandes transformações em todas as áreas e setores, caminha-se a passos largos na era digital e a tendência de desmaterializar o que consumimos não tem volta, estas alterações estão gerando impactos generalizados, neste momento as bases da economia estão passando por construções ou por reconstruções. De acordo com os autores citados nesta pesquisa, percebe-se a transição para um novo padrão econômico, marcadas por ocorrência de crises relevantes, e de revoluções tecnológicas, reconhecidas por um período de virada e de um desenvolvimento, gerando um impacto forte em inovação, competitividade e produtividade.

A globalização e a conectividade em massa, permitem que as novas gerações façam tudo diferente em cadeias integradas pela tecnologia. Um novo padrão econômico que deixa de se concentrar em produtos (manufatura e commodities) para priorizar serviços (cultura centrada em pessoas), sempre associados aos modelos de negócios digitais, uma convergência de múltiplas inovações tecnológicas e empreendedorismo.

Os novos modelos de negócios atuam na construção de ecossistemas de empreendimentos, tais como startups, empresas de tecnologias e marcadas pelo crescimento das inovações, com suas mentalidades dinâmicas, com seus comportamentos marcados pela ambiguidade, por modelos revolucionários de negócios, mais marcados pela flexibilidade, pelo dinamismo e menos burocracias, dominados por aplicativos e produtos intangíveis. Neste novo modelo de organização, encontramos o cenário da nova economia, centrados nas incertezas e constantes mudanças, esta nova sociedade pode ser definida pela disrupção, que tem como base um rompimento com o velho mercado e abertura para o novo, mais tecnológico, flexível e prático.

Com dados e dinheiro não será diferente. A revolução financeira traz uma série de inovações e tecnologias que permitem mais liberdade e facilidade para os usuários,

a criação de uma moeda livre e digital, o Bitcoin, um dinheiro eletrônico para transações ponto-a-ponto, não necessita de intermediários para funcionar, o que significa que não dependemos de bancos, grandes corporações ou governos para movimentar valores. A partir do Bitcoin, foi possível criar um sistema que permite transacionar dinheiro e informação sem a necessidade de intermediários, empresas, bancos ou governo, é uma tecnologia de redes, uma estrutura de registro distribuído, denominada *blockchain*, essa revolução diminuiu a fricção entre o consumidor e as empresas e, passou a influenciar no estilo de vida das pessoas, no emprego e na renda.

Portanto, um novo padrão econômico está exigindo uma constante transformação cotidiana, os trabalhadores devem incorporar novas inovações, as invenções devem impulsionar a coletividade, os desafios devem ser crescentes, as atividades repetitivas do mundo do trabalho devem ser repassadas para as máquinas.

Vivemos num mundo marcada pelos excessos de tecnologias, máquinas e equipamentos dominando todos os setores, a sociedade está construindo um mundo digital, os prazeres está se concentrando no mundo imaterial, os jogos, os aplicativos crescem todos os instantes, sua importância não deve ser questionada, mas não podemos aceitar que os valores da tecnologia gerem constrangimentos para as relações sociais e as integrações entre os seres humanos, a tecnologia deve ser vista como um grande ativo da coletividade, os avanços das máquinas não deve ser desprezadas mas, os seres humanos precisam construir novos arranjos de sociedade.

Neste ambiente, os indivíduos estão atordoados, assustados, os trabalhos estão se tornando escassos, com isso, o mundo de trabalho está gerando instabilidades, desesperanças, depressões e ansiedades. Neste mundo contemporâneo, a tecnologia acelera rapidamente, neste ambiente, enquanto os indivíduos não conseguem acompanhar estas transformações impulsionadas pelas novas tecnologias, vivemos um grande paradoxo, os consumidores percebem inúmeras mercadorias disponíveis no mercado, mas de outro lado percebem seus rendimentos se reduzindo, seus salários diminuem e as perspectivas de sobrevivência

dignas diminuem de forma acelerada, impulsionando conflitos, violências e a convivência social, realizam atividades sem direitos trabalhistas, estabilidade ou garantia de renda, nos últimos anos, se radicalizou com a disseminação dos chamados “aplicativos” e “plataformas”, que não apenas negam a natureza assalariada da relação entre empresa e trabalhadores, mas rejeitam o próprio caráter laboral da relação, neste momento, percebe-se a importância de uma discussão maior sobre os rumos da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Diego, **Nova Economia**, Gente, 3ª edições, 2020

EPPING, Randy Charles, **A nova economia mundial**, BEI, 2020

FILGUEIRAS, Vitor, CAVALCANTE, Sávio. **O trabalho no século XXI e o novo adeus à classe trabalhadora**, Revista Princípios nº 159 JUL.–OUT./2020

GADREY, Jean, **Nova Economia, Novo Mito?** Instituto Piaget, 2000

MARQUES, Claudia Toffano Benevento. *Et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método**. Editora FGV.2007

PELLINI, Ruda. **O futuro do dinheiro: Banco digital, fintechs, criptomoedas e blockchain**. Gente Editora, 2020.

PINTO, Álvaro Vieira, **O conceito de tecnologia**, volume II, Contraponto, 2005

SANTOS, Max Mauro dias, LEME, Murilo Oliveira, STEVAN, Sergio Luiz. **Indústria 4.0. Fundamentos, perspectivas e aplicações**, Érica, 2018

SENA, Jeferson. **Como a nova economia impactará no modelo organizacional do futuro**. Gestão empresarial. [S.I.] [2019?]. Disponível em. <https://ninho.biz/blog/gestao-empresarial/como-a-nova-economia-impactara-no-modelo-organizacional-do-futuro>> Acesso em: 10 maio. 2022.

VACCARO, Guilherme Luís Roehe, et al. **Novas economias: uma proposta de significação** Produção, v. 22, n. 3, p. 490-501, maio/ago. 2012 <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132012005000026>